

POESIA (E) FILOSOFIA

POESIA (E) FILOSOFIA

por poetas-filósofos em atuação no Brasil

Organizador

Alberto Pucheu

ADÉLIA PRADO

ORIDES FONTELA

RUBENS RODRIGUES TORRES FILHO

ALBERTO PUCHEU

MD MAGNO

ANTONIO CICERO

MARCO LUCCHESI

FERNANDO SANTORO



MOINHOS

Apresentação

Atento aos cruzamentos entre poesia e filosofia, percebi um fato raro no Brasil deste momento: a presença de vários poetas com formação acadêmica em filosofia. Muitos, inclusive, tendo publicações nas duas áreas. Quis organizar um livro em que alguns destes poetas-pensadores tematizassem a relação, ou a não-relação, entre poesia e filosofia, o que estes dois termos significam para cada um.¹ Sentindo grande admiração por todos, sempre soube que quanto menos interferisse melhor seria o que cada um poderia fazer.

O único pedido feito aos participantes foi o de não enviarem poemas. Acerca da disjunção possível entre poesia e filosofia, um pensamento provisório pode ser trazido à tona: enquanto a primeira, provocando o pensamento dá o que pensar através de suas criações, a outra se afirma pelo exercício explícito do pensamento. Aceitando este ponto de partida, ainda que passível de ser questionado (e o é por mim mesmo), ainda que instável e movediço, minha escolha foi a de privilegiar uma tematização reflexiva que oferecesse tempo suficiente para a questão deixar-se exposta. A partir daí, o livro estaria aberto para qualquer tipo de texto. Foi o mínimo sugerido para dar, também, uma unidade maior à coletânea.

Todos os convidados acreditaram prontamente no projeto. O único motor que os acionou foi o entusiasmo, mais nada. Por isso, e também pelas autenticidade e densidade de pensamento dos escritos, agradeço *Adélia Prado*, *Antonio Cicero*, *Fernando Santoro*, *Marco Lucchesi*, *MD Magno*, *Orides Fontela* e *Rubens Rodrigues Torres Filho*. Foram os responsáveis por estas páginas imprevisíveis, mostrando a radicalidade e originalidade dos caminhos entre poesia e filosofia: seus encontros, afastamentos, indiscernibilidades e profundidades. Haverá depoimentos, fragmentos, aforismos, ensaios, entrevista e paródia. Tudo conforme o desejo de cada participante e à exigência do assunto.

1 A única exceção é MD Magno, psicanalista. Entretanto, entendo que entre filosofia e psicanálise há muito mais do que apenas uma região explícita de diálogo e de referências comuns.

Não quis dar a este livro um caráter enciclopédico, que abarcasse todos ou quase todos escritores que se adequassem a sua proposta. Preferi, antes, a presença de alguns dos mais representativos, sabendo que outros, também importantes, não estão participando. O objetivo, portanto, não foi aglomerar exaustivamente o maior número de participantes em um vão anseio de completude quantitativa, mas demarcar o fato e algumas possibilidades de pensamento.

Tenho certeza, agora, de que valeu a pena o esforço de todos para trazer esta questão à tona em um livro sem precedentes, demarcando e divulgando tal acontecimento que se realiza aqui entre nós. Que seja uma intervenção nos caminhos de nossas vidas, de nossas palavras, de nosso pensamento!

Alberto Pucheu

Rio, outubro de 1998

*Mas que venham de vós perplexidades
entre as noites e os dias, entre as vagas
e as pedras, entre o sonho e a verdade, entre...*

Jorge de Lima

Observando as formigas

Adélia Prado

Na adolescência, não saía da casa de Dona Alzira Guimarães, professora e mãe de minha amiga Diva, colega de escola. Entre os muitos encantos de sua casa, estava o de um guarda-louça abarrotado de livros. Morávamos muito perto, o que facilitava minhas idas à “biblioteca”. Tirei de lá, certamente, depois de ler todos os romances de M. Delly, uma revista chamada *Kriterion*, que me deixou fascinada. Estavam ali discutidas coisas que não entendia muito, mas o bastante para me abrir o apetite à cata de mais e mais. Foi como descobrir no quintal uma mina de ouro. Pois não eram meus aqueles pensamentos? Ainda por cima, davam sentido, fundamento e justificava a gostos muito particulares e criticados que eu tinha de ficar “pensando”, e até dormindo às vezes, debaixo de um maravilhoso pé de abacate-manteiga. Descobri que as instigantes inquietações da minha cabeça eram normais, gente antiquíssima, de antes de Cristo, se ocupava dos mesmos assuntos, especulando com nomes e expressões formidáveis, como ente, essência, matéria e forma, coisa e conceito, primeiro motor, o ser, cuja essência é sua própria existência, o ser por excelência e mais: — oh, presente do céu — estavam lá santos da minha igreja, São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, frades que, enquanto perseguiam a santidade, brigavam ou dialogavam com Platão e Aristóteles, filósofo que amei primeiro e deixei pra me casar com Platão, apesar dele falar mal dos poetas, o que pode ser um mal-entendido, impossível de desvendar pessoalmente, pois não sei grego. Tirava o fôlego de tão bom. Era como olhar formigas e de repente descobri: formiga é para sempre. Um gozo sensorial que se confundia bastante com o calor que me provocava o olhar dos moços sobre minha verde pessoa. Muitíssimo parecido com o sentimento despertado à leitura dos versos de Alphonsus de Guimaraes: “O cinamomo floresce em frente do teu postigo...” Maravilhoso! Eu já escrevia versos e eles brotavam, nunca tive dúvidas, daquele mesmo lugar de onde os filósofos garimpavam seus solilóquios. Havia uma unidade segurando minha experiência no mundo, que se revelava não apenas na teologia que explicava minha fé. Mostrava-se igualmente na poesia e na filosofia, que eram coisas de Deus. Minha felicidade foi

enorme. Alimentei-me desta certeza, até que em 1965 criou-se em Divinópolis-MG, minha cidade, a Faculdade de Filosofia. Estudei com gosto, sofreguidão e proveito as matérias do curso. Certifiquei-me de que a Filosofia escova o pensamento, que todo mundo filosofa naturalmente, que é um horror todas, absolutamente todas, as Faculdades não serem basicamente de Filosofia, podada em nossas escolas como atividade supérflua. Descobri, ao contrário do que alardeava um pernóstico, é possível filosofar em português, exatamente como é possível fazer poesia. Metafísica e metáfora, anteriores a escolas, prescindem delas, como obras do espírito, braços de um mesmo rio de nascente profunda. Tendem à misteriosa força que as cria e chama de volta ao seu centro divino, ao magnífico caos de onde emerge a sintaxe, ordenando pensamento e verso. Poesia e Metafísica, códigos, pulsações do que por enquanto não se vê face a face e nos enche de maravilha e temor.

Adélia Prado nasceu em 13 de dezembro de 1935, em Divinópolis, Minas Gerais. Seus livros de poesia são: *Bagagem*, 1976; *O coração disparado* (Prêmio Jabuti de 1978); *Terra de Santa Cruz*, 1981; *O pelicano*, 1987; *A faca no peito*, 1988. Em 1991, teve sua *Poesia reunida* publicada pelas Edições Siciliano. Em prosa, escreveu *Solte os cachorros*, 1979; *Cacos para um vitral*, 1980; *Os componentes da banda* (1984); *O homem da mão seca* (1994). Em 1987, Naum Alves de Souza dirigiu um espetáculo, tendo Fernanda Montenegro como atriz, baseado nos escritos da poeta. Formou-se pela Faculdade de Filosofia de Divinópolis.

Sobre poesia e filosofia um depoimento

Orides Fontela

“Alta agonia é ser, difícil prova” é o primeiro verso de um soneto meu, escrito aos 23 anos — um soneto muito importante para mim, pois é uma espécie de programa de vida, que não renego nunca e nem jamais conseguirei cumprir, porém é minha tarefa tentar. Difícil prova, sim, impossível, pois isso constitui propriamente o humano. E, claro, todas as ferramentas servem, principalmente, à religião (sobre o aspecto místico), à poesia — intuições básicas e... musicais, que tive de nascença — e, a bem mais recente, à filosofia. Deixando a religião de lado (mas fica lá, por baixo), falemos só de poesia e filosofia.

Arcaica como o verbo é a poesia, velha como o cântico. A poesia, como o mito, também pensa e interpreta o ser, só que não é pensamento puro, lúcido. Acolhe o irracional, o sonho, inventa e inaugura os campos do real, canta. Pode ser lúcida, se pode pensar — é um logos — mas não se restringe a isso. Não importa: poesia não é loucura nem ficção, mas sim um instrumento altamente válido para apreender o real — ou pelo menos meu ideal de poesia é isso. Depois é que surgem o esforço para a objetividade e a lucidez, a filosofia. Fruto da maturidade humana, emerge lentamente da poesia e do mito, e inda guarda as marcas de co-nascença, as pegadas vitais da intuição poética. Pois ninguém chegou a ser cem por cento lúcido e objetivo, nunca. Seria inumano, seria loucura e esterilidade. Bem, aí já temos uma diferença básica entre poesia e filosofia — a idade, a técnica, não o escopo. Pois a finalidade de entender o real é sempre a mesma, é “alta agonia” e “difícil prova” que devemos tentar para realizar nossa humanidade. Isso é o que temos a dizer, inicialmente, sobre a filosofia e poesia.

Bem, fazer poesia fiz sempre, e curiosa sempre fui. “Que bicho é esse?” era minha pergunta de aluninha. “Ti esti”, “que é”, pergunta o filósofo. É pergunta igual... Aos dezesseis anos fiz os seguintes versos:

Pensar dói
e não adianta nada.

Maus versos, mas intuição válida. Pensar dói mesmo, faz cócegas, pode ser tão irreprimível como a curiosidade da aluninha. E de que adianta? Bem, o caso é que eu não engolia, nem engulo, respostas já prontas, quero ir lá eu mesma, tentar. Tentava pela poesia. Ora, uma intuição básica de minha poesia é o “estar aqui” — autodescoberta e descoberta de tudo, problematizando tudo ao mesmo tempo. Só que este “estar aqui” é, também, estar “a um passo” — de meu espírito, do pássaro, de Deus — e este um passo é o “impossível” com que luto. É o paradoxo que exprimo num poemeto.

Próxima: mas ainda
estrela
muito mais estrela
que próxima.

Ora, esta posição existencial básica de meus poemas já é filosófica, isto é, seria possível desenvolvê-la em filosofia, e daí veio meu interesse pela filosofia propriamente dita. Eu vivia a intuição quase inefável de estar só “a um passo”, que bastava erguer um só véu. Mocidade! E aí entra na minha vida a filosofia explícita. Entrou em aulas da Escola Normal, entrou pelos livros que procurei conseguir (Pascal, Gilson, Maritain, e até alguns não tão ortodoxos), e misturou-se a um interesse pela mística — Huxley, Sta. Tereza, São João da Cruz. Salada de que resultou meu livro “Transposição”, muito “abstrato” e “pensado” — no sentido poético de tais termos. Girava em torno do problema do ser e da lucidez, e abusava do termo “luz”. Um livro estranho, que só recentemente percebi como estava na contramão da poesia brasileira, sensual e sentimental. Parecia até meio cabralino devido a um vezo analítico, mas nunca foi, claro. Era um livro escrito no interior, tramado pelas tendências já levantadas, e onde já poesia e filosofia tentavam se irmanar, como possível.

Não preciso explicar, agora, porque meu interesse por filosofia era quase inato, como a poesia. Assim, agarrei a oportunidade de fazer realmente filosofia. Talvez desse em algo prático (não deu), mas o que me interessava era, acreditem ou não, a Verdade. Ingenuidade? Hoje sei que era, mas era a própria ingenuidade nobre sem a qual não se cria. E lá parti eu para tentar a filosofia, continuando com a poesia naturalmente. E o curioso é que estas águas não se mesclaram mais do que já estavam, senão a poesia poderia se tornar seca e não

espontânea. Mas dei sorte (!) de não me tornar filósofa... Aliás, o mais que conseguiria seria ser uma professora de filosofia, isto é, uma técnica no assunto — e, bom, não era essa a finalidade. Nem dava; faltava base econômica e cultural. Pobre e vindo apenas do Normal só consegui terminar o curso. Mas me diverti muito.

Não, concluí, a filosofia propriamente dita não é exatamente meu caminho, aliás nem mesmo me considero intelectual, só poeta, e ponto. Melhor criar que comentar, claro. A filosofia não me deu a resposta, a poesia só dá intuições, a estrela próxima está cada vez mais longe, mas continue-se a escrever...

Se fiquei insatisfeita com a filosofia explícita, isso não significa que foi inútil. Deu uma base cultural que eu não tinha, alargou meu mundo. E me deu o “status” de “filósofa”, universitária. É mais ou menos mito, mas mitos são excelentes para promover livros.

A poesia foi indo, como deu. Preocupou-se com a forma, a técnica — Helianto, do tempo da faculdade — e chegou à meta-poesia — Alba. Depois tentei voltar, tornar o papo mais concreto — Rosácea, Teia. Mais próxima do cotidiano, mais sofrida, é como ela está, e eu também. Consequências da pobreza, do envelhecimento, das mágoas. Lamento ter perdido a passada ingenuidade (e imunidade) mas não que mudei de pele, não é possível. O futuro é propriamente falando o imprevisível — e não sei onde a pesquisa poética e o pensamento selvagem me levarão. E inda acrescentei à minha salada o zen-budismo — com bons resultados, aliás — e agora procuro outros “ingredientes”, se possível. Não estar satisfeita é bem humano.

O soneto a que me referi no princípio fala em

despir os sortilégios, brumas, mitos.

e taí uma tarefa bem filosófica, se a filosofia fosse só consciência crítica e lucidez, se não alimentasse também brumas e mitos próprios. Sem o que estaríamos tão nus que morreríamos, ou quem sabe — transmutávamo-nos —. Persigo a

aguda trama
da meta
morfose.

e, para isso, poesia, filosofia, zen e o mais que vier, tudo serve —
ruma ao não-dito, ao nunca dito, ao inexprimível.

Noutro poema, digo

Amor
cegueira exata.

e, entendendo-se “amor” como a energia criativa primordial, então o saber poético se dá como uma “cegueira exata”: intuição, pensamento selvagem. A poesia, claro, não apresenta provas: isto é tarefa para a filosofia. Mas os filósofos — os criativos mesmo — também partem de intuições, e é a poesia que dá o que pensar. Que dizer dos incitantes fragmentos de Heráclito? Mistério religioso? Filosofia? Poesia? Tudo junto! E de Platão, aliás também poeta? E de Heidegger — que confesso ter lido como poesia — que, afinal, acaba no poético, por tentar algo indizível? Há muita poesia na filosofia, sim. Não poesia didática — como a dos pré-socráticos — mas poesia como fonte que incita e embriaga. E da filosofia na poesia já falamos, só que é “filosofia” que se ignora, que canta — que dá nervo aos poemas e tenta entrar onde o raciocínio não chega.

Filósofos podem servir de exemplo aos poeta, como digo

Sócrates
fiel ao seu daimon.

pois, como os poetas, Sócrates era inspirado — e era fiel a sua inspiração. Só isso cabe ao poeta: ser fiel à voz interior, sem forçar, sem filosofar explicitamente. Deixar que, naturalmente, filosofia e poesia se interpenetrem, convivam, colaborem.

Nasceram juntas, sob a forma de mito, e juntas sempre, sempre colaboram para criar e renovar a nossa própria humanidade.

Orides de Lourdes Teixeira Fontela nasceu a 21 — oficialmente 24 — de abril de 1940, em São João da Boa Vista, São Paulo. Filha de Álvaro Fontela e Laurinda T. Fontela. Foi professora de pré-primário aposentada. Licenciou-se em Filosofia pela USP. em 1972. Publicou os seguintes livros de poesia: *Transposição*, Instituto de Espanhol da USP, 1969; *Helianto*, Livraria Duas Cidades, 1973; *Alba*, Roswhita Kempf, 1983 (Prêmio Jabuti); *Rosácea*, Roswhita Kempf, 1986; *Trevo*, Livraria Duas Cidades — coleção Claro Enigma —, 1988 (coletânea dos livros anteriores); *Teia*, Geração Editorial, 1996 (Prêmio APCA).

Pontos de vista

Rubens Rodrigues Torres Filho

Perguntar pelas relações entre poesia e filosofia é, no mínimo, sair à cata de complicações. De cara, pensar sobre o problema já é filosofar e, assim, antes mesmo do apito inicial da partida, puxar a brasa para a sardinha do filósofo. A questão poderia ser filiada, por exemplo, à nobre linhagem da oposição dialética entre a *letra* e o *es- pírito*, que já me custou muito fosfato na época dos meus estudos de Fichte. Acontece que saber o que pensaram sobre poesia e filosofia um Schelling ou um Novalis, com exaustividade e pertinência para o momento histórico do idealismo e do romantismo (momento que permitia a Schlegel profetizar coisas como estas: *Quando poesia e filosofia forem uma coisa só, a humanidade se tornará uma única pessoa. Talvez então a própria linguagem se tornasse mitologia... então artistas e homens não estarão mais separados*) — pode ser inspirador, mas não ensina o que se deve pensar sobre isso hoje, no ambiente — digamos assim — de uma autointitulada pós-modernidade que se espreguiça ao sabor do mercado autocomplacente. Mesmo que se trate de dar conta do simples fato de uma mesma pessoa, que tem a filosofia como profissão, também se dedicar ao exercício da poesia (ou, talvez, refugiar-se de uma delas na outra). Antiga inimizade ecológica: não foi que no começo, para consolidar a filosofia nascente, Platão precisou banir da República os poetas?

Assim foi que eu, ao reler o primeiro parágrafo que havia inicialmente escrito para atender ao convite de Alberto Pucheu, fiquei admirado com a constrangedora inconsciência daquelas minhas próprias linhas, que tentavam, de maneira acaciana, indicar alguns pontos de contato ou de contraste entre essas duas artes ou saberes. Foi quando percebi que devia entregar os pontos: melhor, pensei, deixa-las seguir cada uma em sua canoa. Que continue reinando entre elas essa palavrinha *e*, que o genial Fichte, devoto da síntese, qualificou de *a mais incompreensível da linguagem*. Nunca se viu que ninguém cobrasse de Jorge de Lima explicações sobre a relação entre poesia e medicina ou, de João Cabral de Melo Neto, entre

poesia e diplomacia. A poesia tem relação com tudo — diríamos, cautamente — mas apenas como poesia, não na condição de *tudo*.

Recentemente tive a oportunidade de dar uma entrevista à revista *azougue*, de S. Paulo (corajosa revista de poesia, mantida por um grupo jovem e aguerrido), e observei, ao ler a transcrição, que minhas poucas ideias sobre esse assunto aparecerem todas, espontaneamente, no decorrer da conversa. A apresentação, agora, de alguns trechos escolhidos (e ligeiramente revisados) desse material pareceu-me uma boa maneira, talvez a única restante, de não deixar em branco as páginas que me foram generosamente oferecidas por Alberto, dando atenção ao problema com toda seriedade, mas também com a devida franqueza e coloquialidade, de um ponto de vista histórico, muito mais teórico. O que eis aí.

(Publicação autorizada pelos editores da revista *azougue* e pelos dois entrevistadores, Sergio Cohn e Pedro Paulo Pimenta).

Anos de aprendizagem

– Você teve alguma ligação, como outros poetas que estavam começando naquela época, com o filósofo Vicente Ferreira da Silva?

: Não. Eu era exatamente o oposto. Eu fazia filosofia na USP, estava do lado do professor João Cruz Costa. Eu era de esquerda. Se bem me lembro nem cheguei a conhecê-lo pessoalmente.

– Naquela época o Cruz Costa era uma órbita de influência?

: De certo modo. O Cruz Costa tinha uma linha filosófica de pensar o concreto, pensar o país. Eu seguia mais a linha do professor Lívio Teixeira, que era mais de leitura, de análise de textos, Descartes, Espinosa. Na verdade, os textos me atraíam mais que o concreto. Aí quando eu estava na faculdade veio bem rápido aquela turma que incluía o Ruy Fausto, o Giannotti, o Bento Prado, o Porchat. Então, o Cruz Costa foi decisivo, porque ele meio que se retraiu para dar espaço para esse pessoal mais novo. Porchat chegou de Paris com uma tese sobre Aristóteles. O Bento Prado estudava filosofia contemporânea francesa, Merleau-Ponty, Sartre. O Ruy era um *scholar* perfeito, impecável. Estudava os clássicos, essa coisa de rigor que começou a haver. E o Giannotti estava gostando de lógica. O Cruz Costa apelidou essa geração de *jovens turcos*.

– Tudo isso que estava acontecendo na faculdade foi paralelo ao seu primeiro livro de poesia. Como isso se cruzava na sua cabeça, ou eram coisas independentes?

: Quando eu estudei na rua Maria Antonio havia lá um ambiente muito fértil, muito bom. Muita gente que eu encontrava na Biblioteca Mário de Andrade, interessada em literatura, era da minha própria sala da faculdade, ou do famoso saguão da Maria Antonia ou frequentava os bares em volta, como o *bar do Zé*. Por exemplo, o Bento, ao terminar a aula, pegava a turma e ia pro chope. E a discussão seguia até de noite. E ele adorava poesia, até escrevia, ele é até hoje um bissexto notável. Então o papo ia também para esse lado.

– E quais foram suas influências na época, em literatura?

: Bom, tinha os franceses, Baudelaire, Mallarmé, Valéry. E também os modernistas brasileiros. Drummond era uma coisa fortíssima naquela época. E tinha metafísica lá, metafísica à vontade.

– Você acha que foram caminhos paralelos ou entrecruzados, o seu percurso filosófico e o poético?

: Eu acho que teria que analisar.

– Sempre dizem em resenhas de seus livros: *o filósofo e poeta Rubens...*

: Eu acredito que falam assim porque é fácil. É uma linha, um assunto para pegar. Eu sempre tentei dizer o contrário. Muito marcadamente o contrário para combater isso, pelo menos um meio termo tem que ter. O que aprendi a comentar é que existem, sim, os poetas filosóficos, metafísicos, mas que no meu caso a necessidade de filosofia e metafísica eu já havia satisfeito profissionalmente, trabalhando com a filosofia, e que não precisava então de filosofia na poesia. Não precisava da poesia como veículo para isso.

O estrangeiro

– Na sua poesia, é claro um trabalho muito preciso de linguagem. Como tradutor você também tem isso. Acha que esse lado pega também a possibilidade do trabalho da linguagem em outra forma?

: Bom, é complicada essa história de tradução. Vamos dizer que eu fosse catalogado como poeta, tradutor e filósofo. O meu trabalho de tradutor sempre foi, pra mim, uma coisa absolutamente empírica. Não tem nenhum tipo de pensamento teórico sobre tradução, ao contrário. De dizer que você transcriba, translitera, que as várias

traduções de um texto são alusões a uma língua adâmica. Não tem esse tipo de pensamento. Eu tento traduzir empiricamente. E utilitariamente. Tudo o que eu traduzi foi porque precisava usar: Dante, Schelling, Fichte.

— E a tradução do *Pólen*, de Novalis, que você fez?

: É também uma tradução de filosofia. Eu fiz essa tradução porque, desde a época da editora Max Limonad, o editor Samuel León me pedia uma tradução de Novalis. Expliquei que me interesse por Novalis no contexto da filosofia. Me interesse pelos fragmentos, pela prosa filosófica de Novalis. *E olha, Samuel, se você quiser fazer isso, eu topo*. E ele topou. Então, quando ele já estava na Iluminuras, fizemos o livro. E é o Novalis ligado a Fichte, então é a mesma coisa. E essa coisa de tradução em filosofia, de exatidão de linguagem, vem da análise de texto. Eu vou traduzir um texto para ser usado pelos meus alunos no seminário de leitura de textos, portanto tem que estar tudo no lugar. Tem de corresponder ao máximo, como se você estivesse em cima do texto alemão.

— E como tradutor de poesia?

: Eu traduzi no máximo uns oito ou dez poemas. Traduzi uma estrofe do *Arquipélago*, de Hölderlin, um poema de Rimbaud, *As catadoras de piolhos*. Pouca coisa, uma brincadeira mesmo.

— O poeta canadense Robert Bringhurst, que também é tradutor, diz que para ele a questão da tradução, em poesia, é tentar manter a estrutura da língua original, não só porque lá está o poema, nessa estrutura, como isso serve para enriquecer a própria língua, dar uma arejada.

: É, isso é bem verdade. Basta você pensar no caso do Lutero. O Lutero fixou o alemão traduzindo a Bíblia. A língua culta alemã vem do alemão que o Lutero inventou para traduzir a Bíblia.

— Mas isso foge um pouco da ideia de uma teoria de transcrição, porque é uma ideia de precisão, não de liberdade poética de tradução.

: É, aí o negócio é complicado, porque em certos casos é simplesmente impossível traduzir. No dos *language poems*, por exemplo. Tem que se pensar em uma equivalência.

— Você acredita que a todo período de intensa criação literária precede um período de intensa tradução de outras línguas, como dizia Ezra Pound?

: Acho que não se pode criar uma regra. Um período de intensa leitura, talvez, de referências.

— O ponto que estou tocando é que um intercâmbio de línguas diferentes criaria um mais intenso pensamento sobre a língua nativa.

: Isso até psicologicamente faz sentido. A partir do momento em que você tem mais contato com línguas estrangeiras você se torna também estrangeiro a sua própria língua. Cria um distanciamento.

Poesia e verdade

— Voltando à questão da poesia e filosofia. Por essa questão do distanciamento, nota-se que o seu texto, não só na tradução, como na prosa, tem uma tensão, uma precisão muito grande. Acha que na poesia isso tem um reflexo, também?

: Acredito que sim. Não é uma poesia espontânea, é uma poesia pensada. Esse distanciamento, esse estranhamento, pode ser também definido com a palavra ironia. Na ironia, aquele enunciado que você está produzindo, você não se cola totalmente a ele, a tua subjetividade não está colada inteiramente a ele. Você está realmente produzindo um enunciado. Na ironia você pode até falar o contrário do que está pensando, mostrando que dá para falar o contrário do que se pensa. Esse tipo de distanciamento é preciso. Você está chamando a atenção para a existência daquele enunciado como enunciado, da realidade da coisa linguística produzida.

— Assim como o contato com uma língua estrangeira cria um distanciamento que faz olhar de outro modo a nativa, esse trabalho com uma linguagem estrangeira à filosofia, que é a poesia, trouxe possibilidades para você na filosofia, de perceber nuances do texto, enriquecer sua leitura?

: Claro, claro. É fundamental ler os textos de filosofia com um grão de sal (*cum grano salis*, como ensinava o professor Cruz Costa). Você ler os enunciados como enunciados mesmo. Isso é muito útil para você trabalhar qualquer autor.

— Você acha que falta isso, de se estudar a filosofia mais com esse viés da ironia que com aquele que frequentemente se torna enfadonho, tipo *eu estudo Hegel, eu estudo Kant, e daí já vira bom, essa cara é um metafísico*? Você acha que isso torna a filosofia mais interessante, mais produtiva?

: O próprio Hegel é um cara que tem o texto extremamente literário, cheio de truques. Se você for lê-lo de um jeito trator, se não

tiver um distanciamento, você não entende nada. Não é só que fica mais divertido, é que do outro jeito você não enxerga. Não é melhor, é necessário.

A alma romântica e o sonho

— Bom, e sobre aquela questão, que vez por outra se vê colocada, que filosofia, mitologia e arte seriam, no princípio, algo unido que posteriormente se dividiu?

: Eu diria que isso é uma utopia romântica. Schelling, por exemplo, tinha o projeto de que poesia, mitologia e filosofia voltassem a refluir, reencontrassem a unidade perdida. É uma ideia bem de época, até. Está em Schelling, está no romantismo. Só o Hegel que decidiu que ia fazer filosofia de tal jeito que ela seria superior a tudo.

— Você acha que o romantismo se prendeu a um período?

: Acho que o romantismo começou. Ele efetivamente começou. Começou exatamente no período pós-kantiano. O romantismo não era uma ideia possível antes desse período. Agora, talvez ele não tenha terminado. Talvez o projeto ainda esteja vivo. Agora, essa questão de reencontrar a unidade perdida é uma nostalgia das origens, que não existia nas próprias origens. É uma ideia que entra na categoria *sentimental* de Schiller, não na de *ingênuo*.

— Quando você diz *talvez ele não tenha terminado*, o que precisamente quis dizer? Como o romantismo pode subsistir?

: Tem coisas que você vê no Schlegel, no Novalis, no Lord Byron, que estão em plena vigência, que não acabaram. Você pega Shakespeare. Shakespeare, do jeito que ele é hoje, é uma criação romântica. Os românticos é que construíram e valorizaram esse Shakespeare que a gente tem. O Shakespeare original seria muito mais uma coisa circense, teatral, uma questão de *show business*...

Rubens Rodrigues Torres Filho nasceu em Botucatu, São Paulo, em 1942. Graduiu-se e concluiu o doutorado em Filosofia pela USP, por onde, depois de ter lecionado, aposentou-se recentemente. Traduziu diversos textos filosóficos. É diretor da Biblioteca Pólen, que publica livros de filosofia, da editora Iluminuras. Seus livros de poesia: *Investigação do olhar*, S. Paulo, Massao Ohno, 1963; *O vôo circunflexo*, S. Paulo, Massao Ohno, 1981 e Brasiliense, 1987; *A letra descalça*, Brasiliense, 1985; *Poros*, S. Paulo, Duas Cidades, 1989; *Retrovar*, S. Paulo, Iluminuras, 1993; *Novolume*, S. Paulo, Iluminuras, 1995. Já em filosofia, foram estes os publicados: *O espírito e a letra. A crítica da imaginação pura em Fichte*, S. Paulo, Ática 1975; *Ensaio de filosofia ilustrada*, S. Paulo, Brasiliense, 1987. Para maiores informações, consultar o “site oficial de RRTF: <http://www.dialdata.com.br/rtrtf>”.

